



## **INSERÇÃO LABORAL E TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM BIOGRÁFICA**

Nádia Maciel Falcão

Doutoranda em Educação da Universidade Federal Fluminense, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas

Email: falcao.nadia@gmail.com

### Introdução

Este texto apresenta reflexões decorrentes de incursões teóricas e empíricas da pesquisa "O lugar do trabalho na transição para a vida adulta: relatos de vida de jovens de Manaus"<sup>1</sup>. Em especial, o texto discute as relações teórico-metodológicas estabelecidas entre a forma de abordagem da temática da inserção profissional de jovens adotada na pesquisa e a tradição do campo científico de onde emerge; reflete sobre as contribuições da abordagem biográfica, na modalidade de relatos de vida ao estudo do tema e, ao final, apresenta uma síntese descritiva com as primeiras impressões e registros resultantes da entrada em campo.

De modo mais amplo a pesquisa se insere entre os estudos que buscam compreender processos implicados na entrada de jovens no mercado de trabalho, realizada concomitantemente à escolarização de nível médio e associada a projeções de futuro, fenômeno presente na experiência e nas representações da maioria da população jovem do Brasil.

Na definição do objeto da pesquisa, foram consideradas conclusões, perguntas e ausências identificadas a partir de investigações anteriores sobre o tema. A tentativa é apresentar novas faces do problema e explorar aspectos que ainda carecem de explicação.

No campo quantitativo, pesquisas estatísticas tem produzido importantes indicadores da situação social, ocupacional, escolar e etária da população brasileira que permitem o reconhecimento de tendências gerais descritas pelos segmentos mais jovens

---

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida sob orientação do prof. dr. Paulo Carrano.



nestas áreas. É importante que estes enquadramentos gerais, oferecidos pelos dados estatísticos, sejam complementados por pesquisas qualitativas que testem na empiria, a validade do que é geral e, ao mesmo tempo, identifiquem nuances dessas tendências nas maneiras como os jovens confirmam, resignificam ou reagem a elas.

Os dados quantitativos indicam que mais da metade dos jovens nas idades entre 15 e 29 anos se relacionam diretamente com o mercado de trabalho, na condição de aprendiz (com maior ou menor grau de cumprimento da legislação), através de vínculos formais, ou mesmo nos espaços da informalidade, combinados ou não com processos de escolarização. Ao abordar essa relação, Spósito (2005, p. 124) chega a concluir que "no Brasil o 'trabalho faz juventude' e se torna demasiadamente complexa a construção sociocultural da categoria 'juventude' sem a sua mediação efetiva e simbólica".

Por outro lado, pesquisas de natureza qualitativa tem demonstrado que, para além da compreensão do trabalho como uma necessidade, os jovens o tem como um elemento de aquisição de autonomia e de identidade (Carrano, 2010). Apesar de constituírem o grupo mais afetado pelo desemprego e de estarem mais vulneráveis aos baixos salários, aos contratos de curta duração e a outras condições de trabalho que tendem a precarizar a inserção laboral, os jovens inventam formas diversas de se relacionar com a escassez de oportunidades e produzem sentidos que mediam estas faltas e preocupações despertadas pela crise do emprego. (PAIS, 2005).

Na intenção de contribuir com o debate atual sobre a relação dos jovens com o trabalho e suas implicações no trânsito para a vida adulta, em contextos nos quais se acentuam o desemprego juvenil e os riscos da inserção precarizada no mercado de trabalho, esta pesquisa se propõe a compreender qual o lugar do trabalho nos processos de transição para a vida adulta, tomando como lastro empírico, experiências e sentidos produzidos a esse respeito por jovens que vivem na Cidade de Manaus e conciliam a experiência da escolarização de nível médio em escolas públicas com a experiência de inserção, busca de inserção ou re-inserção profissional.

Partindo das premissas gerais que informam que na atualidade os jovens são os mais afetados pela crise (presente) do emprego e pela precarização das condições de trabalho, mas ao mesmo tempo, elegem a inserção profissional como importante via de autonomização e ingresso na vida adulta (futuro), interessa-nos saber quais estratégias



tem utilizado para enfrentar esta tensão entre presente e futuro. Como procuram minimizar (subjetivamente ou objetivamente) os efeitos dessa tensão? Mantém expectativas comedidas de autonomização via inserção profissional? Projetam processos prolongados e gradativos de transição para a vida adulta? Admitem a possibilidade de reversibilidade da transição? Quais interlocutores elegem como fonte de suporte, material ou de outras ordens, nas dificuldades decorrentes dessa travessia? Quais as contribuições da escola na produção desses suportes?

A pesquisa teve início em março de 2010 e, desde então, foram realizados investimentos em discussões teóricas, combinadas com etapas empíricas, que resultaram na aplicação de um questionário exploratório e na realização de entrevistas biográficas com 10 jovens.

O investimento teórico contempla, inclusive, um esforço reflexivo de compreensão da origem e natureza dos pré-conhecimentos que sustentam a proposta de pesquisa tanto no nível teórico quanto metodológico. É nesse ponto que nos defrontamos com a necessidade de debater as contribuições, vinculações e desafios da abordagem biográfica diante do conjunto da produção sobre jovens, trabalho e transição para a vida adulta de enfoque sociológico.

Entendemos que esta proposta de pesquisa se situa em um ponto marcado entre a semente que, germinada no processo histórico, deu origem ao pensamento científico e a mutação que algum dia possa decretar o seu fim, “limite infinitamente longínquo, mas do qual nos aproximamos sempre.” (LEFEBVRE, 1975, p. 99). Fazemos parte de um empreendimento coletivo que tende à apreensão da totalidade do universo, mas que se realiza por etapas e ações individuais e, ao mesmo tempo, combinadas, de agentes do campo científico no tempo e no espaço.

No nosso caso, são muitas as possibilidades de estabelecer relações entre a produção que se pretende sobre os jovens e o trabalho no trânsito para a vida adulta com os conjuntos mais amplos dos quais faz parte e, certamente, este não é o lugar para esgotá-las. Sem que se perca o propósito deste processo, podemos adequar a escala de reflexão a um nível que nos permita compreender a gênese das questões de pesquisa na relação com o acúmulo teórico-metodológico da área da educação sobre o tema e



também interrogar sobre a sua pertinência e sobre as contribuições que pode trazer para o avanço deste conhecimento.

A educação, à parte da discussão sobre sua condição de ser ou não uma ciência<sup>2</sup>, firmou-se como uma área de produção científica que acumula investigações sobre a prática educativa, predominantemente nos aspectos ligados a sua forma escolar, mas também em contextos não escolares. No diálogo com a sociologia, um corpo teórico foi sendo produzido em torno de temas tais como: processos de socialização nas sociedades modernas; produção e reprodução das desigualdades sociais e escolares; vinculações entre processos de escolarização e mundo do trabalho nas sociedades capitalistas, dentre outros.

O conhecimento derivado do olhar reflexivo que desnaturaliza os processos educativos e os transforma em problemas sociológicos, compõe o acervo do pré-conhecimento desta área e, ao mesmo tempo, está aí para ser testado e atualizado por meio da pesquisa.

No conjunto dessa produção, o tema da juventude ganha visibilidade a partir da década de 1990, coincidindo com o momento em que esta categoria é alvejada por demandas de diversas ordens, derivadas de preocupações com questões demográficas, com a violência, o desemprego, as mudanças no padrão de relacionamento intergeracional, os apelos da sociedade do consumo, dentre outros.

Esta simultaneidade entre a percepção de tensões sociais em torno da juventude e o aumento do número de pesquisas que tomam os jovens e/ou a juventude como objeto de análise, não é suficiente para garantir a legitimidade acadêmica destes estudos. Pelo contrário, esta é uma questão a ser enfrentada com rigor na pesquisa, a fim de garantir que esta exposição do tema à apreciação e à ação social, não dissimule sob a aparente produção de consensos no campo político, legal ou burocrático, as contradições a que está exposto. Sobre esta questão, Spósito (2009, p. 18) considera que, “a visibilidade da questão juvenil na sociedade contemporânea [...] impõe a tomada

---

<sup>2</sup> Sobre este tema ver, dentre outros: BRANDÃO, Zaia (1992). A teoria como hipótese. *Revista Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 5; ISAMBERT-JAMATI, Viviane (1992). Ciências da Educação: um plural importante quando se trata de pesquisa. *Revista Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 5; MAZZOTI, Tarso Bonilha e OLIVEIRA, Renato José (2000). *Ciências da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A.



de distância dessa mesma visibilidade de modo que o objeto possa sofrer um esforço claro de construção científica e, assim, alcançar alguma legitimidade teórica”.

A necessidade do distanciamento, requisito básico da objetivação da realidade, é um desafio particular para muitos pesquisadores da área da educação que se dedicam ao estudo da juventude, dadas suas vinculações práticas com os espaços e sujeitos pesquisados. Apesar disso, o estabelecimento do campo de objetividade não é inviabilizado, uma vez que o distanciamento necessário para conter as interferências de categorias nativas na construção do discurso científico não é dado pelo grau de implicação prática do pesquisador com o problema investigado. Esse distanciamento, que é de caráter analítico e não prático, é conferido pelo estranhamento daquilo que é familiar ou, como ensina Bourdieu (2007), pela capacidade de quebrar as relações mais aparentes para fazer surgir o novo sistema de relações entre os elementos e de reunir o que o vulgo separa, ou distinguir o que o vulgo confunde.

É importante que se diga que esta maior porosidade do meio científico para com os elementos da prática não é uma especificidade da temática da juventude, mas uma característica da própria área da educação. Por refletir sobre relações sociais altamente institucionalizadas e burocratizadas, o fluxo de categorias entre os campos da ação prática e da atividade científica na área da educação, muitas vezes ocorre de modo acelerado, tendendo, de um lado, ao esvaziamento da capacidade explicativa de alguns conceitos quando de sua vulgarização; de outro, ao encerramento precoce de questões, pela incorporação irrefletida de noções advindas da experiência prática para explicação da realidade, quando estas mesmas (as noções e a experiência prática) deveriam ser encaradas como parte da realidade a ser explicada.

Não obstante a captura de algumas pesquisas sobre juventude por essa *tentação do profetismo e da hiperempiria* (BOURDIEU, 2007), no conjunto dos estudos, se observa um esforço de reflexão em busca de definições ponderadas entre as contribuições do corpo teórico mais amplo produzido pela área e as evidências da empiria. Não por acaso uma das recorrências nas pesquisas mais recentes sobre jovens e juventude tem sido a demarcação dos referentes que dão suporte aos conceitos e lhes garantem a validade dentro de limites estabelecidos.



Esse movimento de tensionamento entre formas/conceitos e conteúdos/experiências é o próprio embate entre pré-conhecimento e conhecimento novo, do qual a pesquisa científica não pode se furtar. Lefebvre (1975, p. 102) nos ajuda a compreender que a validade de uma verdade produzida pela atividade científica não é dada, isoladamente, nem pela capacidade de manter-se fiel a formas consagradas na tradição teórica, nem pela demissão total dessas formas em nome da inovação. No encontro da história das idéias (acúmulo) com o levantamento de um problema novo (movimento do pensamento), é preciso aceitar, por um determinado tempo, algumas formas que o pensamento empresta à realidade, mas também pressioná-las e transformá-las, conforme o exija o movimento dos objetos que esse pensamento separa e *enforma* na abstração. (LEFEBVRE, 1975)

No tema da juventude a provocação de Bourdieu (1983) – “a juventude é apenas uma palavra” – convida a pensar a relatividade deste conceito e a interrogar os significados e sentidos do ser jovem em diferentes tempos, culturas e sociedades. Os pesquisadores deste tema no Brasil tem se perguntado com insistência até que ponto se pode falar de uma juventude no singular. Sobre esse aspecto, referendamos o posicionamento de Spósito (2009, p. 34),

A articulação entre elementos específicos e condições mais gerais da produção histórico-cultural da categoria juventude precisa ser permanentemente negociada no âmbito da produção acadêmica, pois, se o risco da abstração homogeneizadora da categoria ocorre, no limite oposto a fragmentação e a aposta radical da análise apenas nas diferenças, quer sejam elas diversidades ou desigualdades, implodem a própria noção de juventude e as eventuais singularidades que delimitam a condição juvenil em tempos e espaços socialmente construídos.

Na pesquisa que estamos propondo, a temática da juventude é abordada a partir das relações estabelecidas por sujeitos jovens que se encontram na última etapa da escolarização básica (o ensino médio) com o mundo do trabalho, na perspectiva de averiguar se e até que ponto estas relações são elementos estruturantes da transição para a vida adulta. A definição desse objeto só foi possível porque, antes de ser problema de pesquisa, o dilema da conciliação entre escola, trabalho e perspectivas de futuro e entrada na vida adulta já estava presente na vida de grande parte dos jovens brasileiros, mas, sobretudo, porque a produção científica resultante do diálogo entre educação e



sociologia possibilitou esse olhar de interrogação e de estranhamento, transmutando-o de dilema individual em problema sociológico.

O estudo da relação entre escola e trabalho e, especificamente, entre ensino médio e inserção profissional ocupa um lugar relevante entre os trabalhos da área da educação e as abordagens seguem orientações teóricas e metodológicas diversas. Predominam, contudo, as explicações desta relação a partir da análise da ação das estruturas sociais sobre os sujeitos.

Depois de termos chegado a conclusões mais gerais que indicam, entre outras coisas, que nas sociedades capitalistas o ingresso na vida profissional é uma etapa necessária à entrada na vida adulta, e que para as camadas mais pobres esta preocupação se apresenta e se objetiva muito mais cedo que nas classes médias e nas elites, nos ressentimos da falta de estudos que percorram o caminho inverso, dos sujeitos às estruturas, buscando compreender sentidos atribuídos pelos sujeitos aos itinerários formativos, profissionais ou familiares percorridos nos cruzamentos com as estruturas objetivas. É nessa segunda perspectiva que situamos esta proposta de pesquisa, entendendo que a objetivação de sentidos, estratégias e experiências produzidos por um grupo de jovens que vivencia eventos de inserção, re-inserção ou procura de atividade profissional concomitantes ao processo de escolarização, podem revelar elementos importantes a serem considerados na explicação desta relação entre juventude, escola, trabalho e vida adulta na atualidade.

#### 1 Apontamentos sobre a abordagem biográfica e contribuições à pesquisa

A história da sociologia é também a história das formas de fazer pesquisa sociológica e não somente a história das grandes idéias e das grandes teorias sobre a sociedade, é o que nos ensina Becker (1996). A pesquisa que desenvolvemos ao se inserir entre os estudos que investigam temas sociais que marcam o encontro da educação com a sociologia, tem o seu lugar no movimento histórico desta ciência (a sociologia).

Como mencionamos anteriormente, a abordagem do tema da inserção de jovens estudantes no mercado de trabalho e seus processos de transição para a vida adulta poderia se construir sobre diferentes perspectivas, que levariam conseqüentemente, a



diferentes resultados. Nossas perguntas de pesquisa nos colocam em um campo da sociologia que confere especial atenção aos relatos dos sujeitos de pesquisa sobre suas biografias ou sobre parte delas, para a compreensão de processos sociais mais amplos. Trata-se do que tem se convencido denominar abordagem biográfica, uma forma de fazer pesquisa em ciências sociais que deve tributos aos sociólogos da Escola de Chicago<sup>3</sup>, e que, depois de enfrentar certo desprestígio no meio acadêmico entre o Pós-Segunda Guerra até os anos 1970, retoma forças nos anos 1980 e desde lá, se reinventa e se traduz em diferentes modos de fazer pesquisa.

Este tipo de investigação aposta na possibilidade das ciências sociais dedicarem-se à compreensão e “observação do mundo social em escala individual, com a consideração das singularidades individuais e a construção sociológica do ‘indivíduo’” (LAHIRE, 2006, p. 15). Sob esse ponto de vista, a participação dos sujeitos na pesquisa deixa de ser motivada apenas pelo seu pertencimento a classes de enquadramentos genéricos (idade, sexo, raça, categoria sócio-profissional, etc.) e passa a interessar também pelas variações de sentido que mesmo trajetórias sociais idênticas no que diz respeito ao primeiro tipo de enquadramento, podem apresentar no nível biográfico e intrapessoal.

Segundo Pineau (2006), o movimento mais recente em torno da abordagem biográfica nas ciências sociais, pode ser compreendido a partir de três fases: uma fase de eclosão, nos anos 1980; uma fase de fundação, nos anos 1990 e uma fase de desenvolvimento diferenciador, nos anos 2000. Essa classificação leva em consideração as datas de edição de produções escritas e audiovisuais sobre o tema, além da fundação de entidades, redes e diplomas em torno dessa perspectiva de fazer ciência.

Para este autor, a eclosão da pesquisa biográfica de diferentes formas e em diferentes lugares ocorre como que por contrabando nas ciências sociais, cujos “feudos científicos da época, as taxavam de ilusão biográfica” (PINEAU, 2006, p. 333). Essas

---

<sup>3</sup> O trabalho de pesquisa dos sociólogos da Universidade de Chicago nos anos 1920 e 1930 chamam a atenção pela combinação de análises quantitativas e qualitativas e pela diversidade em termos de método, quando a sociologia, ainda jovem ciência, defendia padrões rígidos de coleta e tratamento de dados. Howard Becker se declara herdeiro desta Escola e resume assim a perspectiva de trabalho: “Nós éramos muito mais ecléticos em relação a métodos do que as pessoas que conhecíamos e que estavam em outras instituições. Assim, achávamos que era preciso fazer entrevistas, coletar dados estatísticos, ir atrás de dados históricos.” (BECKER, 1996, p. 186)



práticas tensionam as relações entre pesquisador e sujeito, e admitem a possibilidade de o processo de narração de si reverter-se em uma busca de sentido e de auto-reflexão por parte do sujeito pesquisado.

Tomando como referência a diversidade de formas de utilização da abordagem biográfica observada a partir dos anos 2000, Pineau (2006) elabora uma classificação das correntes que se utilizam das narrativas biográficas para extrair e construir sentidos que ajudem a compreender e explicar experiências sociais. No quadro elaborado por Pineau, encontram-se descritas as seguintes modalidades ou correntes: biografia, autobiografia, relato de vida e história de vida. Para o autor, “estas correntes já se diferenciam segundo a vida que levam em conta: global, singular, plural, educativa, formativa, profissional, etc. (PINEAU, 2006, p. 339)

Na classificação de Pineau (2006, p. 340), o relato de vida “aponta para a importância da expressão do vivido pelo ‘desdobrar narrativo’, quer essa enunciação seja oral ou escrita”. Retomando as palavras de Daniel Bertaux, pioneiro do desenvolvimento do relato de vida na França, Pineau acrescenta que, “há relato de vida desde que haja descrição na forma de narrativa de um fragmento de experiência vivida”. (BERTAUX, apud PINEAU, 2006, 340).

Nesta pesquisa, as entrevistas serão orientadas para a produção de relatos de vida, essa modalidade da pesquisa sociológica de abordagem biográfica na qual os sujeitos são provocados a relatar eventos biográficos marcantes relacionados com a temática da pesquisa (no caso desta pesquisa, com a inserção, a busca ou a preparação para a inserção profissional), de acordo com a orientação do pesquisador. Os eventos narrados pelos sujeitos são organizados e analisados pelo pesquisador a partir das questões teóricas que dão suporte à pesquisa, na busca de compreender os sentidos e significados destas experiências sociais individuais e suas contribuições para a compreensão de processos sociais mais abrangentes.

O tratamento analítico que se pretende para os relatos de vida produzidos pelos jovens e acessados nas entrevistas, não deverá ser nem uma exaltação da empiria, conferida pela utilização direta das categorias nativas para explicação da realidade investigada; nem uma exaltação da teoria, dada pelo enquadramento sumário das narrativas juvenis em hipóteses teóricas previamente estabelecidas. Os relatos de vida



serão explorados em três momentos distintos, mas complementares entre si, conforme identificação de Bertaux (2009): uma fase exploratória, na qual serão encontradas as linhas de força pertinentes ao tema tratado; uma fase analítica, em que adquirem status de dados e possibilitam sustentar uma teoria, com maior ou menor grau de concordância com os conceitos utilizados no ponto de partida; e uma fase de síntese expressiva, na qual os relatos ajudam a fazer passar uma mensagem sociológica.

Nesse encontro com os sujeitos, que resultará na produção dos dados empíricos da pesquisa, é importante manter um campo reflexivo capaz de problematizar as dissimetrias que são inerentes ao ato da entrevista. Para Bourdieu (1997) a entrevista contém sempre uma dose de arbitrariedade, seja porque tem sua lógica definida unilateralmente pelo pesquisador, seja pelas diferentes posições que pesquisador e sujeito pesquisado ocupam do espaço social. Os efeitos dessa inevitável violência simbólica podem ser reduzidos, segundo este teórico, por uma relação de escuta ativa e metódica, que não seja nem a pura não-intervenção da entrevista não dirigida, nem o dirigismo do questionário.

As apostas desta pesquisa em termos de metodologia são estabelecidas na confluência entre a construção conceitual do objeto e o acesso direto aos sujeitos da pesquisa, primando por um trabalho empírico que, se por um lado não prescinde de sustentação teórica, por outro, não se deixa por ele manipular. Concordamos com Pais (2005) no entendimento de que na atividade de pesquisa o ato de teorizar deve ser uma tentativa de enfrentar os acontecimentos através de questionamentos e problematizações, e não uma forma de tentar submetê-los a um processo de legitimidade previamente estabelecida.

A opção de definir os sujeitos através da vinculação institucional com a escola de ensino médio da rede pública deve-se a duas ordens de fatores: 1) O fato de estes jovens combinarem a escolarização de nível médio com atividades relacionadas ao campo do trabalho os coloca no centro da tensão entre estas duas etapas que precisam ter sua associação com o processo de transição para a vida adulta testadas na atualidade;



2) A representatividade do ensino médio e da escola pública no que diz respeito ao número de jovens que conciliam escola e trabalho<sup>4</sup>.

O recorte geográfico na Cidade de Manaus, muito além de retratar as implicações de origem da pesquisadora, acena com possibilidades de revelar especificidades nos modos como se produzem juventudes em meios urbanos ainda não explorados de maneira expressiva pelas pesquisas sobre este tema, e, assim, apresentar elementos que ajudem a pensar a juventude brasileira a partir de sua diversidade.

Considerando o indicativo de que, na atualidade, a situação juvenil e a transição para a vida adulta são marcadas por alto teor de reversibilidade, observado nas constantes experiências de entradas e saídas no mercado de trabalho, na vida escolar, na conjugalidade, na residência de origem, dentre outros, optou-se por realizar uma abordagem longitudinal dos sujeitos, a partir de entrevistas realizadas em três momentos distintos, com intervalos de aproximadamente um ano entre cada etapa.

A seleção do grupo de jovens foi realizada em duas escolas públicas da Cidade de Manaus, situadas, respectivamente, no centro e em bairro periférico da Cidade. Por meio da aplicação de um questionário exploratório em turmas do primeiro ano do ensino médio das duas escolas<sup>5</sup>, levantou-se um perfil geral deste público e foram selecionados 10 jovens com perfis diversificados, com os quais serão realizadas 3 entrevistas individuais<sup>6</sup>.

Os desafios e as aprendizagens decorrentes desse enfrentamento do campo empírico são objeto de considerações do item que segue.

### 3. Enfrentando o campo de pesquisa: primeiros registros e indicativos da contribuição da abordagem biográfica

---

<sup>4</sup> O desmembramento de dados da PNAD/2006 revela que 33,8% dos jovens que trabalham e estudam estão cursando o ensino médio regular, além disso, 48,7% dos jovens que procuram trabalho também frequentam esta etapa da educação básica (CORROCHANO et al, 2008).

<sup>5</sup> Etapa realizada no mês de novembro de 2010. No total, 135 jovens responderam ao questionário evidenciando uma diversidade de situações sócio-econômica e de relações com o mundo do trabalho.

<sup>6</sup> As primeiras entrevistas foram realizadas no período de 12 a 20 de abril de 2011. A segunda abordagem está prevista para o período de abril de 2012 e a terceira, para o período de janeiro de 2013.



A opção por utilizar um questionário estruturado para primeira aproximação com os sujeitos da pesquisa orientou-se pela necessidade de identificação do perfil mais abrangente dos jovens estudantes do ensino médio em escolas públicas de Manaus. As questões estavam orientadas para o levantamento de aspectos sócio-econômicos (locais de moradia, profissão dos pais, renda familiar, etc.), configuração etária, experiências de escolarização, formação profissional, busca ou inserção profissional e projeções no campo do trabalho.

O questionário foi aplicado pessoalmente pela pesquisadora em horários previamente combinados com a equipe pedagógica das escolas. Em cada escola o processo de aplicação gerou um movimento particular que oscilou de uma recepção calorosa até uma resistência declarada e explícita em corpos pouco satisfeitos em colaborar com questão que lhes parecia de tamanha estranheza.

O conjunto de dados obtidos através do questionário embasou a definição do grupo de jovens que participa das entrevistas, porém não se pretendeu montar uma amostra com representação estatística e este também não foi o critério utilizado para seleção das escolas. Considerando que uma das questões de pesquisa interroga a capacidade da escola de ensino médio assumir, na vida dos jovens, a tarefa de produção de suportes que lhes fortaleçam no enfrentamento das tensões entre presente e futuro no campo profissional, foram selecionadas duas escolas públicas com perfis diferenciados, tanto do ponto de vista da oferta do ensino, quanto da localização, composição do quadro profissional, estrutura material, dentre outros aspectos.

A diversidade de experiências, como também as convergências identificadas no perfil dos jovens a partir dos questionários, não será analisada na expectativa de produzir generalizações, mas com o objetivo de compreender o movimento gerado por combinações singulares de escolhas biográficas com determinações sociais. Por sua vez, os elementos que compõem este movimento nos possibilitarão atualizar a reflexão sobre processos mais amplos de relação dos jovens com a escola e o mercado de trabalho no trânsito para a vida adulta.

Com as informações do questionário foi possível pré-selecionar 35 jovens para a etapa das entrevistas. A pré-seleção baseou-se em alguns critérios primários tais como: equidade entre o número de jovens do sexo masculino e do sexo feminino e entre o

número de jovens da escola do centro e da escola do bairro. Além disso, foram utilizados critérios secundários agrupados em 4 perfis-tipos, formados da combinação de diferentes aspectos do perfil dos jovens. (Quadro 1).

Com um mês de antecedência à aplicação das entrevistas, foram realizados *contatos-teste*, que consistiam no estabelecimento de contatos com 10 dos jovens pré-selecionados (5 homens e 5 mulheres) utilizando a internet (redes sociais, email e chat), e, em menor escala, o telefone. O objetivo era retomar o contato com os jovens, informá-los sobre as próximas etapas da coleta de dados e também consultá-los sobre o interesse de continuar participando, além de checar se os dados de contato fornecidos (telefones, emails, endereços, escola), permaneciam válidos.

Quadro 1 Perfis-tipo utilizados na pré-seleção de jovens para as entrevistas	
Perfil-tipo	Outros critérios considerados na composição dos grupos
Jovens com diferentes experiências de trabalho informal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Local e situação da moradia</li> <li>• Renda familiar</li> <li>• Idade</li> <li>• Trajetória escolar</li> <li>• Cor/raça</li> <li>• Estado Civil</li> <li>• Maternidade/Paternidade</li> <li>• Participação em atividades de qualificação profissional</li> <li>• Participação no pagamento de despesas familiares</li> <li>• Local de nascimento</li> <li>• Opinião sobre a colaboração da escola aos objetivos profissionais.</li> </ul>
Jovens com experiência de trabalho formalizada (carteira assinada, menor aprendiz, contratos, etc.)	
Jovens que não desenvolvem nenhuma atividade remunerada, mas procuram trabalho ou atividades de qualificação profissional	
Jovens que não desenvolvem nenhuma atividade remunerada, e não estão procurando trabalho	

Fonte: Dados da pesquisa.

Aos poucos as respostas foram chegando pela internet, de modo que os contatos telefônicos se resumiram a três jovens. Em todos os casos, os jovens manifestaram interesse em participar das entrevistas, alguns pareciam mais animados, outros, no entanto, mostravam-se desconfortáveis com a aceitação do convite e, no geral, todos demonstraram uma desconfiança inicial que normalmente era minimizada pela explicação dos objetivos da pesquisa e da apresentação das credenciais da pesquisadora e da pesquisa.



No momento inicial do contato a maioria dos jovens mencionou lembrar do questionário, mas não tinha clareza de que tipo de atividades se tratava. O passo seguinte consistia em esclarecer que, dentre os jovens que participaram da etapa do questionário, haviam sido selecionados alguns para participar da etapa das entrevistas e que seus perfis interessavam à pesquisa.

Os jovens indagavam sobre o objetivo da pesquisa e pediam maiores informações sobre esta nova fase das entrevistas. Explicava-se então que se tratava de uma pesquisa científica, ressaltando que a finalidade era apenas de estudo. Também eram destacadas as vinculações profissionais e acadêmicas com a universidade, utilizando uma linguagem de fácil compreensão nesse primeiro contato. Normalmente reforçava-se que suas identidades não seriam reveladas, e que a pesquisa e/ou a pesquisadora não possuíam vínculos com instituições ligadas ao agenciamento de emprego ou estágio, tentando evitar uma possível associação do tema da pesquisa com outros processos ligados ao mercado de trabalho. Depois das explicações, os jovens confirmavam suas participações.

A partir dos contatos, definiu-se o grupo de 10 jovens a serem entrevistados levando em consideração o pertencimento aos diferentes perfis-tipo e a variação nos critérios secundários expostos anteriormente. No processo de agendamento das entrevistas este grupo veio a sofrer diversas alterações, em virtude de dificuldades, tais como: telefones que não funcionavam, impossibilidade de participação por doença, desistência de alguns jovens. Dos 10 jovens inicialmente selecionados, apenas quatro foram efetivamente entrevistados.

A utilização dos perfis-tipo e a composição de um grupo mais amplo de jovens pré-selecionados facilitaram a definição de substitutos com perfis semelhantes para os casos de desistência. Na busca por estes substitutos, o problema da comunicação via telefone e das desistências continuaram, mas ao final o grupo entrevistado ficou assim constituído:

Quadro 2			
Jovens entrevistados <sup>7</sup>			
Escola do Centro		Escola do Bairro	
1. Mariana	16 anos	1. Luísa	16 anos

<sup>7</sup> Foram utilizados nomes fictícios para resguardar a identidade dos jovens.

2. Pedro	16 anos	2. Daniel	16 anos
3. Camila	15 anos	3. Isabel	27 anos
4. Thiago	15 anos	4. Marcelo	18 anos
5. Adriana	16 anos	5. Marcos	16 anos

Fonte: Dados da pesquisa

Depois de identificar que o processo de desistência atingia metade dos jovens selecionados, optou-se por marcar entrevistas nas residências dos jovens. Este processo resultou eficaz, mas também agregou variáveis diferentes a serem consideradas na análise das entrevistas, visto que no ambiente doméstico, nem sempre foi possível a total privacidade para realização das entrevistas.

O planejamento das entrevistas previa que os contatos pessoais fossem estabelecidos nas escolas onde os jovens foram selecionados, entretanto, na primeira semana definida para realização das entrevistas, as aulas estavam suspensas nas escolas estaduais do Amazonas, que cumpriam calendário de semana pedagógica estabelecido pela Secretaria de Educação do Estado.

Ainda assim, dentre os jovens da escola do centro, duas solicitaram ser entrevistadas na própria Escola e os demais jovens desta escola foram entrevistados nas respectivas residências.

No caso dos jovens selecionados na escola do bairro, o local definido foi a sede de uma organização não-governamental bastante conhecida no bairro pelo trabalho educativo que desenvolve com jovens estudantes do ensino médio. A administração da instituição disponibilizou a sala de leitura e a sala de professores em momentos que estas não eram utilizadas. Todos os jovens da escola do bairro foram entrevistados nesta instituição.

Cada entrevista possui um conjunto de situações, expressões e contextos que escapam ao processo de transcrição, por mais fiel que este possa ser na transformação de falas em texto escrito. Tentando agregar estes elementos ao processo de pesquisa, registrou-se, ao final de cada entrevista, alguns aspectos das condições de apresentação e fala dos jovens no momento da conversa, além de elementos do local e contexto de realização da entrevista.

Um dos aspectos que mais chama a atenção no conjunto das narrativas juvenis coletadas nas entrevistas biográficas é a diversidade de aspectos que mediam a relação



dos jovens com o processo de inserção profissional, escolarização e transição para a vida adulta. Eles que a princípio haviam sido selecionados mediante classificações objetivas definidas com base em critérios fechados (idade, cor/raça, sexo, renda, local de moradia, dentre outros), revelam ricas e múltiplas nuances e sentidos para os cruzamentos entre suas biografias e as determinações e contingências do mundo do trabalho, da escola e da vida adulta.

A cada entrevista os sentidos da inserção profissional se multiplicavam e, não raro, em momentos distintos da narrativa de um mesmo jovem, essa multiplicidade também se apresentava. Progressivamente, as perguntas de pesquisa e também as respostas que elas suscitavam nos mostravam faces cada vez mais nuançadas que a experiência profissional ou busca por ela podem adquirir na vida jovens do ensino médio.

Dado o número de jovens entrevistados e a diversidade de aspectos identificados, há uma inclinação para analisar as narrativas juvenis a partir da criação de uma matriz de significados e não de tipologias, visando com isso, referenciar a compreensão dos dados na mediação entre categorias nativas e categorias analíticas.

## Referências

BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, out. 1996. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010493131996000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493131996000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 16 maio de 2011.

BERTAUX, Daniel. Metodologia do relato de vida em Sociologia. In: TAKEUTI, Norma Missae e NIEWIADOMSKI, Christophe (orgs.). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre et. al. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. A "juventude" é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de Sociólogo**. 6. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.



CARRANO, Paulo. O Ensino Médio na transição da juventude para a vida adulta. In: FERREIRA, Cristina Araripe et al (orgs). **Juventude e iniciação científica: políticas públicas para o ensino médio**. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010. p.143-168.

CORROCHANO, Maria Carla et al. **Jovens e Trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Ação Educativa; Instituto IBI, 2008.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

PAIS, José Machado. **Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Ambar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 87-127.

\_\_\_\_\_. A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: \_\_\_\_\_ (coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 17-56.